

Diário

Camimbrada do
jardim do Museu de
Arte Antiga -
jardim 3 de Abril
até ao jardim Roque
Garnier, no Cais do
Sodré

dia 26 junho 2020

Partida : 17h

Chegada : 18h

Lucília

ESCRITA ASSOCIATIVA

Na cidade há sempre
um tempo... um tempo
de saída e chegada

Esta cidade é feita,
a subir e descer, parece
que não sabe o que quer!

Tudo se mistura em
ruídos, barulhos, sons
rumores.

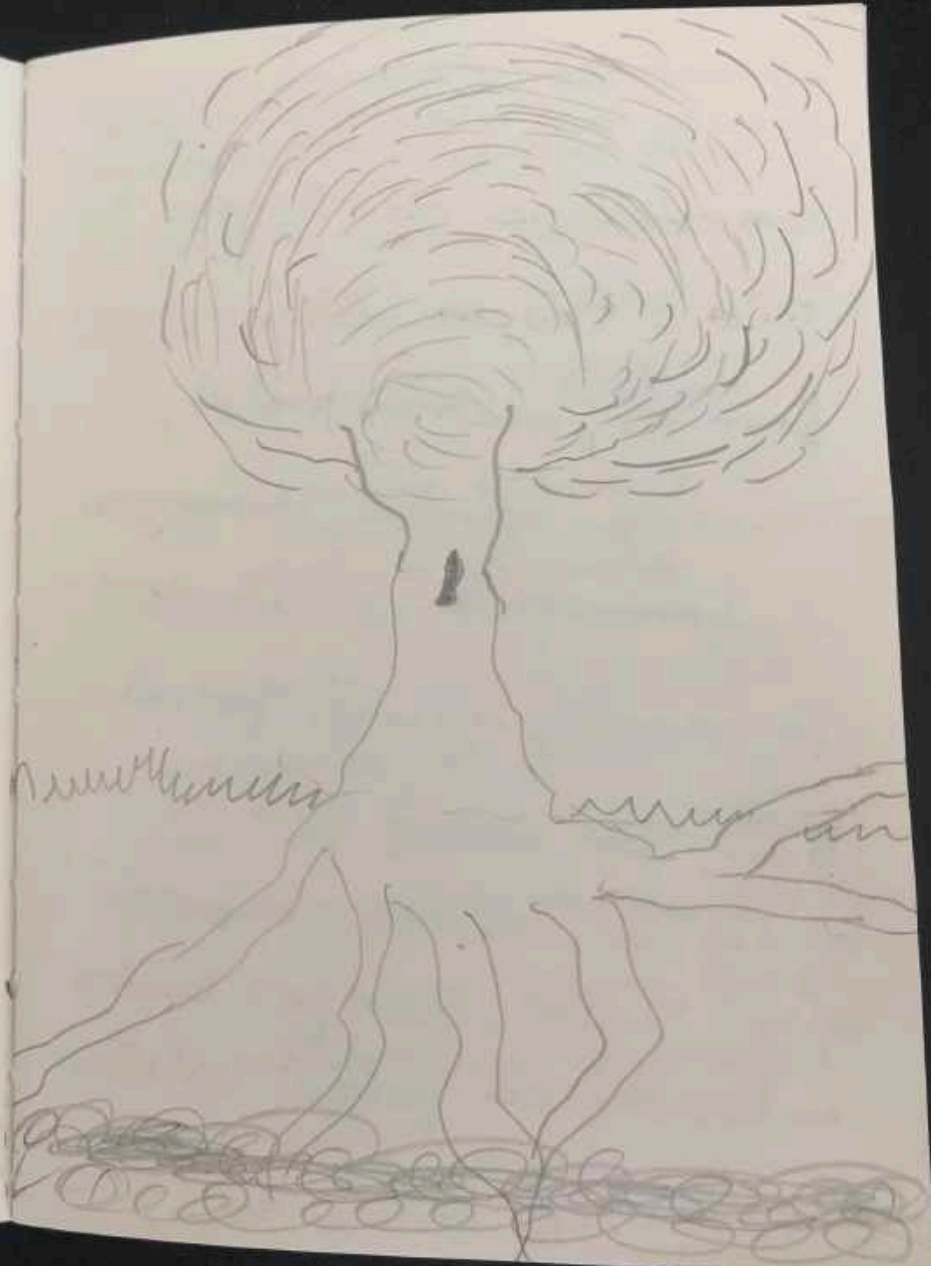
Há sempre rumores
distantes e rumores por
perto.

A minha marca
retirada ao pedrim



A

Árvore Louca
que ficou
Des-marcada



Descei as escadas para
caminhar ao longo do
Rio - Procurava menos
fumos, menos calor,
menos gente, menos
informações, menos
pressões, menos pressa.

Mas, já com o rio à
minha beira, reparei
que tudo isso já tinha
entrada e já para dentro
da minha pele, dos

meus nervos, dos meus
músculos. Precisava
expelir essa sensação
sofocante de tudo
em demasia. Então
deixei-me zangar-
me com a cidade.

- A cidade é opressão,
opressão de carros,
com os seus ruídos
e movimentos bruscos,
com os seus caminhos
delimitados e sinais
vermelhos.
- Tudo está demarcado.

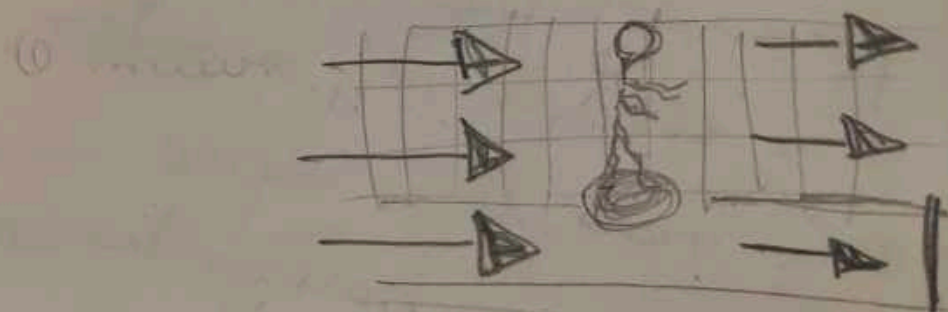
- Tu vais por aí, e eu por aqui, aqueles só podem ir ali -

Caminhos sem saída, paradas, gradeamentos, limbas. Evitar os outros, evitar o churo mau a sumo do lixo e do mijo. Procurar sombras onde respirar, mas sem poder respirar em pleno porque na cidade há sempre uma hora certa para chegar, 'As 18h tempo de estar

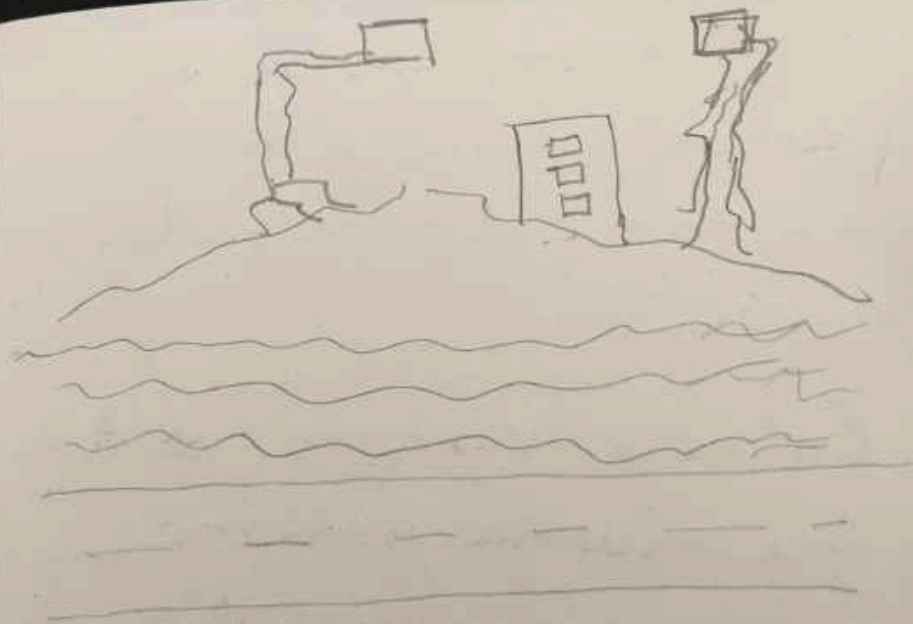
no cais do Sodré e não me passo a atrasar.

Na cidade a palavra atrasar é como uma sombra de 1/2 dia, aquela que cai mesmo em cima do teu corpo.

Todos estão zangados, com pressa, nervosos, ou então são turistas, mamorados ou artistas.



O meu corpo
retrai-se, apressa-se e
desconecta-se de si
próprio numa tenta-
tiva de fuga. Há um
som metálico perma-
nente, daqueles que
nos sobe subtilmente
pela espinha acima.
O som dos quindastes,
parados por cima do
céu cidadão... o outro
céu não tem aqui
horizonte



Passa uma voz qualquer
que diz "Hum interesting!"
É mentira! Aposto que
ela não se interessou
nem por aquilo!
Não ouço o som do
Rio como esperava,
mas

ouço o som dos meus
passos no asfalto ou
no caminho de pedri-
nhas.

Estou a chegar, sento-
-me numa sombra,
olho para a minha
marca retizada do
outro jardim, começo
a duemba-le no papel
e a zanga com a
cidade já está a passar
Espero alguém...

